

“A MORTE não é NADA”

Santo Agostinho

Artigo publicado: 24/03/2008.

Por: Prof. Dr. João Luiz Garcia Duarte

Professor Associado CCMB – PUC/SP

Médico Cardiologista

Paróquia de São Paulo Apóstolo – Sorocaba/SP

Caros irmãos em Cristo.

Estamos ainda na quaresma. A Campanha da Fraternidade com o tema “**Fraternidade e Defesa da Vida**” está quase no fim. Hoje quero abordar com vocês um aspecto da Vida que não é muito comentado: “O DIREITO DO SER HUMANO DE MORRER FISICAMENTE COM DIGNIDADE”.

E, por que um artigo comentando este tema, ligando-o a uma campanha que trata da “fraternidade e defesa da vida”? Por que das três certezas absolutas que nós cristãos temos, e que vale para toda a humanidade, *uma é que nosso corpo morrerá*. As outras duas são:

- Todos nós *nascemos*.

- Todos nós somos filhos de Deus e a Ele voltaremos vivos em espírito até o fim dos tempos. E então teremos a *ressurreição da nossa carne e viveremos em um corpo glorioso*.

O avanço científico que ocorre graças à inteligência que Deus nos concedeu, tem propiciado conhecimento que permite a utilização de recursos capazes de prolongar a vida corporal, o que, muitas vezes, possibilita intervenções que restituem a função de órgãos doentes e, dessa forma, doenças que antigamente fariam o corpo morrer são debeladas. Assim, uma parada cardíaca por infarto do miocárdio que até alguns anos determinava a morte física hoje pode ser tratada e a morte evitada. Um câncer de mama precocemente descoberto e corretamente tratado é curável em mais de noventa por cento dos casos. Em outubro de 1921, o canadense Frederick Banting e seu colaborador Charles Best descobriram uma substância que controlava o diabetes, a insulina. Até então o único

tratamento possível para essa doença era o de um jejum quase que absoluto; as pessoas podiam comer 350 calorias por dia. Uma das primeiras pessoas a se beneficiar com a nova terapia no início de 1922 foi a compatriota de Banting, Elizabeth Evans-Hughes. Antes de começar a usar a insulina ela pesava apenas 20 quilos aos 15 anos de idade. Em abril de 1945 o Presidente dos Estados Unidos, Franklin D. Roosevelt teve um derrame que foi fatal. Ele era portador de seqüelas de poliomielite, diabético e hipertenso. Sua pressão arterial habitual era de 22x11 cm de Hg não só por que não se sabia que isso era ruim, pois se achava então que quanto mais alta fosse a pressão, mais facilmente o sangue circularia pelas artérias e veias, mas também que era normal a pressão arterial aumentar com o envelhecer. Naquela época, além da sangria, pouco havia que pudesse ser feito para que a pressão baixasse. No dia do derrame que o levou a morrer, sua pressão era de 30x19 cm de Hg.

Enfim, os recursos terapêuticos modernos que temos na medicina são **modernos mesmo**, pois a quase totalidade foi descoberta mais ou menos da metade do século passado para cá.

Mas o que vem ocorrendo com esse conhecimento todo. Ele está cada vez mais sendo utilizado para prolongar **o morrer**, não **o viver**.

Diz o quinto mandamento: **Não matarás.**

Muito se discute a respeito da **eutanásia**: *morte sem sofrimento*. Nada se discute a respeito da **distanásia**: *morte lenta, ansiosa e com muito sofrimento*. Os conhecimentos atuais propiciam os dois tipos de morte. Achamos certo a condenação da eutanásia, ou seja: *“a ação ou omissão que, em si ou na intenção, gera a morte a fim de suprimir a dor.”* (Catecismo da Igreja Católica 2277). No entanto também devemos condenar a distanásia, pois o prolongamento artificial de um aparente viver, causando sofrimento tem a seguinte interpretação da Igreja: *“A interrupção de procedimentos médicos onerosos, perigosos, extraordinários ou desproporcionais aos resultados esperados pode ser legítima. É a rejeição da ‘obstinação terapêutica’. Não se quer dessa maneira provocar a morte; aceita-se não poder impedi-la”*. (Catecismo da Igreja Católica 2278). *“Mesmo quando a morte é considerada iminente, os cuidados comumente devidos a uma pessoa doente não podem ser legitimamente interrompidos. O emprego de analgésicos para aliviar os sofrimentos do moribundo, ainda que com o risco de abreviar os seus dias, pode ser moralmente conforme a dignidade humana se a morte não é desejada, nem como fim nem como meio, mas*

somente prevista e tolerada como inevitável. Os cuidados paliativos constituem uma forma privilegiada de caridade desinteressada. “Por esta razão deve ser encorajada”. (Catecismo da Igreja Católica 2279).

E o que temos visto nos hospitais hoje em dia?

*“As novas técnicas de manutenção de vidas “artificializadas” agridem o senso comum. Elas exigem um corpo de doente infinitamente disponível, ligado a tubos e fios, pronto para intervenções sem cessar, numa verdadeira expropriação desse corpo que não pertence mais ao sujeito; é apenas um manifestador de sintomas. É o novo reinado das milionárias UTIs, tornadas rotina hospitalar, onde a vida se mantém totalmente dependente de máquinas e químicas. A morte digna cercada pelos parentes e amigos, aspiração atávica da humanidade, desapareceu quase por completo. Os doentes atuais morrem mais sós e mais lentamente, sedados para suportar a agressão de tubos e agulhas”**. E isto tudo tem um custo financeiro extraordinário. É uma fonte de lucro indescritível. Fazer o prolongamento da morte é um grande negócio.

Eu já tinha na cabeça conversar com vocês sobre “morrer com dignidade” quando escrevia o artigo anterior, mas procurava fazer um fecho para o mesmo e não o achava. Foi quando minha mulher, Mabel, me pediu que encontrasse para reler o pensamento de Santo Agostinho que usei com título deste nosso colóquio. Quando o lera anteriormente ela havia gostado muito, pois é uma verdade incontestável para nós cristãos católicos. Ele diz:

“A morte não é nada. Eu somente passei para o outro lado do Caminho. Eu sou eu, vocês são vocês. O que eu era para vocês, eu continuarei sendo. Me dêem o nome que vocês sempre me deram, falem comigo como vocês sempre fizeram. Vocês continuam vivendo no mundo das criaturas, eu estou vivendo no mundo do Criador. Não utilizem um tom solene ou triste, continuem a rir daquilo que nos fazia rir juntos. Rezem, sorriam, pensem em mim. Rezem por mim. Que o meu nome seja pronunciado como sempre foi, sem ênfase de nenhum tipo. Sem nenhum traço de sombra ou tristeza. A vida significa tudo o que ela sempre significou, o fio não foi cortado. Porque eu estaria fora de seus pensamentos, agora que estou apenas fora de suas vistas? Eu não estou longe,

* “Morte digna”. Gilberto Dupas, Jornal O Estado de São Paulo de 16 de fevereiro 2008. 1º caderno, pag.2.

apenas estou do outro lado do Caminho... Você que aí ficou, siga em frente, a vida continua, linda e bela como sempre foi.”

Que a Paz do Senhor esteja com todos e cada um de vocês e os acompanhe sempre.